

REVISTA

"Até que todos cheguemos à unidade da Fé, ao conhecimento do Filho de Deus".

(Efés. 4:13)

Sumário

Mensagem da Conferência Geral

Mensagem de A. V. Olson

Saindo das ruínas da Guerra

por W. R. BEACH

Leituras da Semana de Oração

Para os prègadores

por ALFRED VAUCHER

Noticiário

Notícias da Colportagem

Um testemunho directo sobre a crucifixação de Jesus

PREÇO:

1\$50

SETEMBRO-OUTUBRO DE 1946

ANO VII

N.º 37



Como Bom Pastor, o desejo de Jesus foi conduzir as Suas ovelhas aos mananciais da Água da Vida, para que pudessem ter Vida abundante em boas obras.

ADVENTISTA

Ao correr da pena...

Os nossos Irmãos da América

São de uma generosidade a toda a prova! Se não houvesse dificuldades alfandegárias, todos os Irmãos pobres de Portugal, Ilhas e Colónias, seriam vestidos e calçados pela organização de beneficência, estabelecida na Conferência Geral.

Nos Estados Unidos, há muitas cidades para evangelizar, muitas congregações adventistas sem casa própria, muitas igrejas a necessitar dos mais variados instrumentos mas, em vez de empregar egoístamente os seus donativos, estão sempre prontos a dar para as Missões.

Deus guarde a livre América e continue a dar ao Adventismo Americano o mesmo espírito de altruísmo e filantropia!

Epístola aos Críticos

A crítica é uma necessidade humana.

Criticar não é maldizer; é julgar com o fim de melhorar.

Mas só pode ser crítico quem seja honesto, estruturalmente sincero e capaz de fazer melhor. Sempre que encontremos indivíduos que criticam mas não são capazes de fazer melhor, podemos estar certos de enfrentar um assassino da reputação alheia. Todas as direcções de serviços têm de fechar os ouvidos a tais críticos e até chamá-los à ordem disciplinar, quando susceptíveis de ser corrigidos por qualquer instituição.

Entre o mundo religioso encontram-se pessoas que criticam os erros alheios para afogar a voz da própria consciência.

É muito deselegante, não é?

Os títulos

A praga dos títulos é muito vulgar na Península Ibérica. Nós temos um espírito superficial de democracia que envolve a velha estrutura dos três estados: clero, nobreza e povo. O clero e a nobreza usavam nomes muito pomposos e compridos: «Sua Excelência Reverendíssima o Bispo D. Felisberto», «Sua Eminência o Cardeal Patriarca de Lisboa D. Aleixo Aldegundes de Meneses», «Sua Alteza o Duque de Bragança, Conde de Barcelos, D. Francisco, António, Teotónio, Azevedo, Castelo Branco, Medina-Sidónia, etc., etc., etc.».

Nomes próprios de cada príncipe contavam-se às carradas. E tudo isso para representar um pobre ser humano, sujeito às digestões e indigestões vulgares e à morte que a todos iguala. Esta nobre mania passou para o povo: nomes mais compridos do que os proprietários. Um estudante índio, dos nossos tempos de rapaz, apresentou certidão de idade com cinquenta nomes próprios e só de iniciais encheram três linhas da pauta de exames!

Outra modalidade desta mania é a do título de Doutor. Em geral usam deste título indivíduos que todos sabem serem doutores apenas em vaidade.

Há, porém, um título que temos de apreciar e cultivar nas Instituições Adventistas, nas Direcções e Congregações — é o doce nome de Irmão e Irmã. Jesus veio do céu à terra e não se envergonhou desse nome. Esquecer nome tão amável e admitir outros títulos nos meios adventistas é sinal que o mundanismo ainda reina em nós, mesmo quando os títulos sejam apropriados o que, infelizmente, raro acontece.

Regime alimentar

Sempre que, sem perigo de saúde e de vida, possamos empregar géneros de origem exclusivamente vegetal, por serem mais saudáveis, será bem fazê-lo, para viver no nível de vida aconselhado no Espírito de Profecia.

Evitemos, porém, dois aspectos infelizes de hipocrisia: 1.º — Dizer aos quatro ventos que somos estritamente vegetarianos, quando comemos uma posta de pescada, perna de galinha ou carne guisada, de vez em quando, consoante podemos ou nos dá na gana. Deixem-se de medos ou de vontade de agradar aos nossos adversários extremistas. 2.º — Querer passar por mais ortodoxos adventistas do que os que empreguem carne ou peixe na sua dieta.

Sabem quem escreveu as seguintes afirmações?

«Nunca senti que seja meu dever afirmar que ninguém deveria provar carne em nenhuma circunstância. Afirmar tal coisa quando o povo foi educado a viver à base carne, em grande extensão, seria levar o assunto ao extremismo».

«Embora nós mesmos não usemos carne, quando pensamos que é essencial a qualquer família, em tempo de doença, damos-lhe aquilo que sentimos ser sua necessidade. Há ocasião em que devemos encontrar o povo na situação em que está».

Foi E. G. White. Vejam «Counsels on Diet and Foods», págs. 462-466.

E ponderemos sempre o seguinte sábio conselho:

«Acima de tudo não devemos advogar, com as nossas penas, posições que não tenhamos experimentado praticamente nas nossas próprias famílias e na nossa própria mesa. O contrário é dissimulação, uma espécie de hipocrisia» (Idem, pág. 468).

A. D. G.

Mensagem da Conferência Geral

dêmos

graças

a

Deus

Pelos Seus numerosos benefícios, manifestados na Sua protecção e solicitude, desde a nossa última Conferência Geral e rendâmos-Lhe homenagem de reconhecimento e adoração.

Durante os anos trágicos do conflito internacional flagelador do mundo, do oriente ao ocidente, Deus foi o refúgio e sustentáculo de todo o crente. Como nos tempos antigos, pela coluna de fogo, o Eterno conduziu Israel através das trevas e dos perigos, da mesma forma dirigiu o seu povo em todos os países, não obstante os obstáculos imensos devidos às privações, às convulsões de toda a espécie, ao isolamento. A Sua obra triunfou, mesmo sob as exigências dos governos e da ocupação militar que entravaram as actividades dos nossos dirigentes. Como a coluna de nuvem se erguia por cima do povo do êxodo, assim Deus protegeu o Seu povo e a Sua obra durante estes anos dolorosos. O tumulto da batalha afastou-se de nós e retomámos contacto com as zonas devastadas. Por toda a parte, nos países devastados, o total dos membros acusa um aumento animador. Os nossos Irmãos e Irmãs ficaram fiéis à Causa Adventista. Alguns perderam a vida, mas ficaram fiéis até ao fim dando a sua vida como selo do seu testemunho. Graças à solicitude maravilhosa de Deus, o quadro da nossa organização ficou intacto nas secções cujas comunicações estavam cortadas das sedes de conferências e as propriedades que nos tinham sido confiscadas entraram outra vez em nosso poder. Os nossos membros responderam generosamente ao vasto projecto de reconstrução das nossas igrejas e instituições nos territórios devastados. Nesta época em que imensas regiões estão submetidas às privações e à fome, Deus abriu o caminho para que os nossos fiéis dos países mais favorecidos pudessem enviar socorro material aos seus irmãos em sofrimento cujas trágicas necessidades reclamam atenção.

Na verdade, Deus foi bom para o seu povo e nós sentimos alegria neste pensamento. Inclinámo-nos diante d'Ele em humilde homenagem de gratidão. Alegra-nos o privilégio de poder consagrar de novo a nossa vida, forças, recursos— tudo o que somos e temos— ao acabamento da grande tarefa diante de nós. Dêmos graças a Deus.

○ PRESIDENTE: J. L. MCELHANY

○ SECRETÁRIO: E. D. DICK

AOS IRMÃOS

DA UNIÃO PORTUGUESA

pelo Pastor A. V. Olson

Vice-presidente da Conferência Geral

Recebemos do seu gabinete na Conferência Geral o seguinte artigo que muito gostosamente transcrevemos:

Muito antes que estas linhas apareçam impressas na *Revista Adventista* já todos os leitores devem ter ouvido dizer que nas últimas assembleias gerais da Conferência Geral me pediram para me unir à mesma em Washington D. C. como um dos vice-presidentes gerais e que o Irmão Beach foi nomeado para me suceder como presidente da Divisão Sul-Europeia.

Durante 26 anos que trabalhei no território da vossa Divisão tanto a minha família como eu aprendemos a amar este campo e o seu povo. Os vários interesses da causa de Deus neste campo grande e cheio de necessidades tornam-se uma parte das nossas próprias vidas. E pelos obreiros e membros nasceu um amor profundo e permanente que nada poderá destruir.

O objectivo desta pequena mensagem de adeus é expressar aos nossos presados colaboradores e membros em toda a Divisão Sul-Europeia a nossa profunda e sincera gratidão por todas as bondades havidas connosco durante um quarto de século, tempo este em que tivemos o feliz privilégio de estar associados convosco no trabalho de Deus. Apreciamos mais do que as palavras podem expressar, o vosso amor, paciência, orações e cooperação esplêndida. Sentimo-nos felizes por ter pertencido à família de Deus na Divisão Sul-Europeia e tivemos muita pena em nos vermos separados dela. Consolamo-nos, contudo, ao pensar que a Europa Meridional ainda é o meu campo de trabalho e que terei o privilégio de a visitar de tempos a tempos.

Embora separados de vós em corpo continuaremos sempre convosco em espírito. Observaremos com profundo interesse o progresso da obra nos vossos campos. Continuaremos a orar pelo progresso da obra na nossa Divisão tanto nas metrópoles como nas missões. Proponho-me, pela graça de Deus, a fazer tudo quanto puder, no futuro, pela Europa Meridional e suas missões. De facto, abrigo no meu coração a esperança de que, em certos casos, possa ser capaz de fazer mais no futuro do que no passado.

Fiquei muito contente em ver que o Irmão Beach foi escolhido como meu sucessor. É um homem capaz e temente a Deus. Conhece perfeitamente o campo e sei que ele ama a Divisão e que fará o melhor que possa, pela graça de Deus e com a cooperação dos seus colaboradores, para conduzir o trabalho em progresso e de vitória em vitória. Peço que lhe dêem o mesmo apoio leal que os meus presados irmãos e irmãs tão zelosamente me concederam no passado.

Ao terminar, peço a todos quantos me lêem que roguem a Deus me conceda a necessária força e sabedoria para o cumprimento dos meus novos deve-

res e responsabilidades. O meu desejo é ser humilde e fiel servidor de Deus até ao fim da carreira.

Nada sabemos sobre o que o futuro tem em reserva para nós. Espero que tenhamos o privilégio de nos encontrarmos neste mundo mas, se tal não tiver de ser a nossa sorte, que Deus nos ajude a viver vidas tais que em breve nos encontremos na bendita pátria onde os amigos jamais se separarão.

Termino, repetindo as palavras do Velho Livro:

«Que o Senhor vos abençoe e vos guarde;
e derrame a Sua graça sobre vós;
Que o Senhor faça resplandecer a Sua face sobre vós,
Que o Senhor levante sobre vós o Seu rosto e
vos dê paz».

Washington, 9 de Outubro de 1946.

A. V. OLSON

Departamento

da Liberdade Religiosa

Chegou ao nosso conhecimento que em Braga, uma das nossas Irmãs colportoras da **Saúde e Lar** foi insultada num estabelecimento e que o indivíduo em questão lhe rasgou a revista. Infelizmente são coisas que ainda acontecem. A educação pode fazer progressos em Portugal.

Mas o facto leva-nos a lembrar a todos que a **Saúde e Lar** ou qualquer outro livro nosso são propriedade da **Publicadora Atlântico, L.^{da}**, casa comercial, pagando os seus impostos ao Estado e com todos os direitos comerciais. Isso implica que ninguém pode molestar um agente da mesma casa, quando esteja ao trabalho. Se a nossa Irmã acompanhasse o agente da Polícia que se apresentou a tirar o nome do atrevido e se a Publicadora levasse a questão para diante, é muito possível que a estas horas estivesse no Seminário com o dinheiro da indemnização paga por pessoa tão mal educada. Ao menos o dito cavalheiro não passaria sem uma proveitosa lição.

Aqui fica o aviso. Sejam prudentes, amáveis e tolerantes mas só até certo ponto.

O superintendente da nossa União Norte Africana, Pastor Henri Pichot, apresentou um relatório muito interessante e animador na recente sessão da União, em Algéria.

Esta importante sessão de delegados de todo o campo Norte Africano, a primeira depois do rebenatar da guerra em 1939, foi realizada debaixo de tendas erguidas sob as grandes e ramosas árvores do Parque Hidra, a um tiro de pedra dos escritórios da União e da nossa Instituição de Saúde. Umhas 300 pessoas assistiram da primeira à última sessão. Entre estes via-se um grande grupo de juventude. As reuniões do fim de semana ainda tiveram maior assistência. A sessão tomou uns cinco dias, de 4 a 8 de Setembro, e foi seguida de um acampamento de Juventude durante 15 dias.

Tive o prazer de encontrar-me com os nossos Irmãos do Norte da África após uma ausência de oito anos. O Pastor F. Charpiot, secretário de campo da Divisão, esteve comigo nesta visita de prazer e realizou um instituto de colportagem durante dois

ocidente, até Tunes, no oriente, a história é a mesma: fidelidade e sucesso sob Deus. O número de membros aumentou de 300 para 500. Entre as ruínas das batalhas, uma nova igreja nasceu no redil Adventista. Encontra-se a curta distância da velha Cartago, em Ferryville, onde um grupo de 17 membros foram baptizados e organizados em nova Igreja. Agradecemos a Deus esta vitória».

O esforço em Ferryville foi iniciado há poucos meses pelos Pastores D. Riemens e Jaquenot. Estes Irmãos tem a convicção definitiva de que coisas maiores podem ser empreendidas na África do Norte e puseram-se a realizá-las. Novos métodos foram descobertos, entre os quais o emprego dos animais proféticos de tamanho natural e de outras imagens. Não houve pequeno entusiasmo em Ferryville e ainda não chegámos ao fim, visto haver muitas pessoas interessadas, que continuam a preparar-se para o baptismo. O entusiasmo criado por esta experiência es-

Saindo das ruínas da Guerra

dias depois das assembleias. Que alegria, na realidade, encontrar os nossos Irmãos após oito anos de crise!

No início da sessão, o Irmão Pichot lembrou os escuros dias através dos quais passaram os crentes da África do Norte e concluiu:

«Mas desta devastação da guerra saiu progresso para a Igreja no Norte da África. De Casablanca, no

pelos *Pastor W. R. Beach*

DIRECTOR DA DIVISÃO SUL-EUROPEIA

Um

importante

assunto

de

oração

A rádio é o instrumento mais moderno, mais potente e eficiente da propaganda, nesta época. Um estudo bíblico, uma dissertação pela rádio equivale a falar a milhares de ouvintes.

Necessitamos que Deus nos ajude a estabelecer tal propaganda em Portugal, Ilhas e Colónias.

Roguemos a Deus a Sua Luz, o Seu auxílio, durante a Semana de Oração.

tende-se a outras partes da África do Norte, pressagiando maiores coisas nos esforços evangelísticos entre as populações europeias.

A dificuldade presente em Ferryville é encontrar abrigo para a nova igreja organizada. A enchurrada da guerra quase não deixou casa intacta para ser alugada. Temos de encontrar dinheiro para construir um edifício modesto em Ferryville.

Outro aspecto animador da obra na África do Norte está no muito grande grupo de juventude nas nossas igrejas. Mais de cem juniores e seniores estiveram presentes nas assembleias. O Pastor Paul Bernard, secretário da União para os M. V. e director da escola de treino de Algéria, está fazendo um esplêndido trabalho em seu favor. Os Irmãos cooperam com ele e estão muito ansiosos em prover melhores facilidades para a escola. Penso, pessoalmente, que seria uma empresa muito proveitosa. Estou persuadido que dezenas de jovens podem ser ganhos à verdade através da criação de um centro próprio de educação.

Os obreiros da União foram aumentados. O Irmão Pichot continua como superintendente da União e director da Missão Algeriana, com o Irmão Pedro Douay encarregado da Missão Marroquina e o Irmão D. Riemens dirigindo a Missão Tunisiana. Os obreiros aumentaram nas diversas missões e mais dois Irmãos vieram de fora: Robert Birckel, da França Meridional, como secretário-tesoureiro, Robert Dunkel, da Suíça, como secretário do Departamento das Publicações.

Sim, «da devastação da guerra» perspectivas brilhantes se divisam na África do Norte.

SEMANA DE ORAÇÃO

Leitura para Sábado, 7 de Dezembro de 1946

«Por isso estai vós apercebidos também porque o Filho do homem há-de vir à hora em que não penseis» (S. Mat. 24:44). O mais poderoso acontecimento em toda a história da raça humana será a segunda vinda de Cristo. Tudo o mais empalidecerá em insignificância por comparação. O levantamento e a queda dos reinos, as grandes guerras entre as nações, serão somente incidentes a propósito, servindo como marcos milenários ou sinais da hora próxima. Os grandes pontos focados na maior profecia bíblica são a primeira e a segunda vinda de Cristo. Todos culminam nestes poderosos acontecimentos. A razão disto é o facto de todo o plano da redenção para o homem ser limitado ao que Deus, através de Cristo, está fazendo para salvar a raça caída. Quando Jesus veio a primeira vez, veio como Portador de Pecados. Pondo de parte a Sua glória, ele veio ao mundo e revestiu-se a Si mesmo da nossa carne, para que pudesse tornar-se nosso Salvador. Ele veio para tomar o lugar de pecador, para levar as suas culpas, para pagar a penalidade pelo seu pecado e assim redimi-lo da morte eterna. «Seguramente, ele limitou as nossas dores e levou as nossas aflições... Ele foi ferido pelas nossas transgressões. Ele foi maltratado pelas nossas iniquidades: o castigo da nossa paz estava sobre ele e com os Seus açoites nós somos sarados. Todos nós como ovelhas, andávamos perdidos. Nós voltamos cada um pelo seu próprio caminho; e o Senhor tinha posto sobre Si a iniquidade de todos nós» (Isa. 53:4-6).

A primeira visita de Jesus à terra, foi com o propósito de comprar, com o Seu próprio sangue, a nossa redenção. O homem estava irremediavelmente perdido e não havia nada que ele pudesse fazer sobre isso. Ele não se podia salvar a si mesmo. A sua salvação, se consumada, devia vir através de alguém mais forte do que ele. Esse era Cristo. Não havia outro. Se Ele tivesse ficado no céu à mão direita do pai, a família humana inteira teria perecido. A vida que Jesus viveu na terra e a Sua morte final na cruz fizeram possível a redenção de todas as almas humanas que O aceitassem. Ele experimentou a morte por todos os homens. Foi por vós e por mim que Ele morreu. O maior pecador pode achar perdão, paz e completa redenção através d'Ele. No seu sangue há purificação de todo o pecado. Escolhendo o Seu Filho para ser o Nosso Salvador, Deus pôs auxílio sobre Um que é poderoso para salvar; portanto pode também salvar perfeitamente os que por Ele se chegam a Deus, vivendo sempre para interceder por eles. Mas o primeiro advento de Jesus só, não é bastante para operar a nossa completa e final redenção. O que Ele fez, então, tornou possível para nós, aqui e agora, receber pleno e completo perdão para os nossos pecados e viver uma vida recta através da graça e poder que Ele diariamente fornecerá; mas não nos redime do castigo do pecado desta terra amaldiçoada

nem nos tira do poder da tentação e da prova. Nem salvará o povo de Deus da primeira morte que vem a todos como consequência do pecado de Adão.

Quando Cristo voltou para o céu a seguir à sua primeira visita, Ele deixou o Seu povo aqui. Os Seus discípulos anelavam ir com Ele. Eles pediram-lhe para os levar. Mas Ele respondeu-lhes: «Para onde eu vou vós não podeis seguir-me agora mas seguir-me-eis depois». Eles tinham de ficar no mundo, ainda que fossem guardados dos pecados do mundo. O povo de Deus está ainda hoje ganhando o seu pão, pelo suor do seu rosto, num mundo que geme sobre tríplice castigo de Deus. São ainda motivos da doença, falta de saúde, dor e morte. Milhões deles dormem em morte, esperando a chamada do Doador da vida. Os santos vivos ainda sofrem provas aflitivas e perseguição às mãos dos seus inimigos. Eles, como Jesus predisse quando esteve na terra, são ainda aborrecidos por todos os homens por causa do Seu nome. Eles, como Abraão, são residentes temporários de um país estrangeiro a que não podem chamar o seu. A sua redenção não é completa. É na sua segunda visita à terra que Jesus prometeu a completa redenção do seu povo. A seus discípulos Ele declarou: «Vou preparar-vos lugar. E se eu for e vos preparar lugar, virei outra vez e vos levarei para mim mesmo, para que onde eu estiver vós estejais também» (João, 14:2,3). A promessa é de que os justos mortos serão tocados e que todos os salvos serão apanhados para encontrá-lo no ar, inteiramente removidos dos imundos miasmas da terra e do contacto com os pecadores e o pecado. Os efeitos do pecado serão apagados dos nossos corpos. O dom da imortalidade e da vida eterna será concedido a todos os redimidos, e eles serão, desde então para sempre, com Cristo. Isto é salvação completa. «Assim também Cristo, oferecendo-se uma vez para tirar os pecados de muitos, aparecerá, segunda vez, sem pecado, aos que esperam para salvação» (Heb. 9:28).

A maldição não será levantada da terra até ao terceiro advento de Jesus, o qual Ele prometeu fazer ao fim de mil anos depois da Sua segunda vinda. É então que Ele virá à terra para permanecer. O pecado e os pecadores serão destruídos pelo fogo que renovará a terra e extirpará as obras do homem. A maldição será levantada e os vestígios do seu passado, tirados. Cristo trará dessa vez com Ele para a terra a cidade capital do universo, a Nova Jerusalém, onde com o seu povo, Ele habitará nesta terra para sempre, a qual foi assim resgatada e restituída à raça de Adão.

Não vem em segredo

Posto que as visitas do Filho de Deus a esta terra são de tão vital importância para aqueles que vivem aqui, elas não são executadas em segredo.

VIGIAI, PORTANTO

por W. H. BRANSON
PRESIDENTE DA DIVISÃO DA CHINA

Muito antes da sua vinda, Ele faz fortes advertências das suas intenções e avisa os homens, por toda a parte, para se prepararem para o momentoso acontecimento.

Antes da primeira vinda de Cristo, Ele revelou, através dos seus profetas, o verdadeiro ano em que Ele seria baptizado e ungido e o tempo exacto da Sua crucifixão. Tivesse o seu povo crido nas Escrituras e tê-lo-ia esperado e preparado o seu coração para encontrá-lo, quando João apareceu no deserto da Judeia, anunciava, com grande veemência e poder: «O tempo está cumprido». Ele constatou que tinha soado a hora para Cristo aparecer e avisava os homens, por toda a parte, para procurarem preparar o seu coração a fim de O receber. Mas a maior parte do povo estava absorvido em indolência e pecado. Os seus corações estavam sobrecarregados de glotonaria e embriaguez e dos cuidados desta vida. Estavam cheios de orgulho e justiça própria e não sentiam necessidade de um Salvador que os libertasse do castigo do pecado.

Eles não estavam vigiando e esperando pela Sua aparição e portanto não estavam preparados para o receberem quando Ele aparecesse. Sòmente àqueles que o receberam foi dado poder para se tornarem filhos de Deus.

Na segunda vinda de Jesus à terra, os homens assistirão à maior revelação do poder e glória de Deus jamais dado à raça caída. Ele virá na glória do Pai e na Sua própria glória e na de todos os Seus anjos. Ao aparecer nos céus abertos, a sua face brilhará mais que o sol, e os seus vestidos serão tão brancos como a luz. Os seus olhos serão como chamas de fogo, e sobre a sua cabeça haverá muitas coroas. Sobre o seu vestido, que foi mergulhado em sangue, estará escrito: «Rei de reis e Senhor de senhores» (V. Apoc. 19:11-16).

Nessa ocasião, as nações da terra serão quebradas em pedaços, tornando-se «como a pragana da eira» que é levada pelo vento, sòmente para serem suplantadas pelo eterno e glorioso reino do Rei Jesus. Este grandioso acontecimento não é para lançar sobre o mundo sem o devido aviso, ou sem que ao homem seja dada uma oportunidade de preparar-se para ele. Grandes cadeias de profecia, encontradas através do Antigo Testamento, claramente indicam o tempo da sua vinda. Não é dado o dia exacto nem a hora, mas as predições são bastante claras para não deixar a igreja na dúvida quando o poderoso acontecimento tiver lugar.

Assim, na grande profecia do segundo capítulo de Daniel, é revelado que Ele virá durante a separação do estado dos reinos da Europa Ocidental representados pelos dez dedos. Em Daniel 7 e no Apoc. 13 declara-se que Ele virá a seguir à última exaltação do papado e à perseguição do povo de Deus por causa de recusar receber a «marca» da apostasia.

Jesus diz que, quando estalarem grandes perturbações entre os capitalistas e as classes trabalhadoras, Sua vinda estará perto. Isaías declara que nós devemos procurar o Senhor num tempo quando o povo das nações da terra associando-se e formando confederações num esforço para melhorar as suas condições; quando eles passarem através da terra «amaldiçoando ao seu rei e ao seu Deus» (Is. 8:22), num tempo em que o ateísmo e a anarquia são comuns.

Jesus disse que voltaria após os sinais do sol, lua e estrelas, e durante o tempo da grande «angústia das nações», quando os homens desmaiarem de terror na expectação das coisas que sobrevirão ao mundo. Porquanto as virtudes do céu serão abaladas (S. Lucas, 21:26).

Daniel declarou que a segunda visita de Jesus seria num tempo em que os homens andariam a correr de um lado para o outro e quando o conhecimento fosse aumentado. João diz que seria num tempo em que as «nações estivessem irritadas», e Joel declara que o tempo da Sua vinda seria marcado por uma ampla preparação do mundo para a guerra, o despertamento dos pagãos e a reunião das nações para o último conflito — o poderoso Armagedão. Será um tempo de guerra total, em que as nações já não poderão produzir instrumentos de lavoura e necessidades caseiras, porque acharão necessário tornar o inteiro emprego das suas fábricas em canais de guerra, transformando as suas «charruas em espadas e... os seus podões em lanças» (V. Joel, 3:9-14).

Todas estas profecias, assim como cortes de profecias semelhantes, estão quase completamente cumpridas.

Nós vivemos, agora, no dia para o qual os profetas olharam. Há mais de 100 anos, este povo foi levantado e comissionado para fazer soar o grito entre as nações da terra: «Temei a Deus, e dai-lhe glória, porque vinda é a hora do seu juízo».

Há um século, o nosso Sumo Sacerdote tem estado ministrando como santo dos santos no céu, e através da Sua igreja. Ele tem estado enviando o seu último apelo aos pecadores, avisando-os de que a sua segunda visita à terra está «próxima, mesmo às portas».

Quando, contudo, os pioneiros desta poderosa mensagem do advento prègaram que a vinda de Cristo estava próxima, muitas das profecias, acima indicadas, tinham sido, apenas, parcialmente cumpridas. Prègavam profecias, cujo cumprimento era futuro. Mas a Igreja Adventista de 1946 ocupa, em relação a este facto poderoso, uma posição bem diversa da ocupada pelos primeiros arautos desta mensagem. Vivemos hoje no meio de cenas que findarão a história das nações e nos conduzirão ao regresso do Senhor. Se os nossos Irmãos, naqueles primeiros dias da nossa mensagem, tinham razões para crer e

prêgar que o Senhor iria aparecer outra vez, nós hoje temos mil vezes mais razões para tal prêgação. Sentimo-nos forçados a dizer com João «O tempo está cumprido»; o reino dos céus está às portas.

As grandes profecias, predizendo a segunda visita de Cristo e apontando para os grandes sinais indicadores da proximidade daquele glorioso dia, têm sido cumpridas para além do que esperávamos. Até os mais ardorosos arautos da mensagem adventista ficam boqueabertos de admiração perante os sinais que, nos nossos dias, se espessam e multiplicam à nossa volta. Hoje, os homens têm cavado nos segredos do Altíssimo e produziram a terrível bomba atômica. Estão preparados para destruir nações inteiras — homens, mulheres e crianças — em poucas horas.

Perante esta poderosa descoberta, as nações tremem de susto. Os próprios governantes declaram que o fim da civilização está bem à vista. Os condutores religiosos das grandes igrejas predizem a ruína dentro de poucos anos e os cientistas e estadistas profetizam o fim da raça.

O General Marshall declarou, no seu relatório bianual publicado em 10 de Outubro de 1945, que a descoberta da bomba atômica trouxe «uma nova época... e que as possibilidades futuras são aterrorizadoras».

O Presidente Trumann recentemente avisou que «a bomba atômica é demasiado perigosa para ser entregue a um mundo sem lei».

Mas o facto é que ela vai sendo entregue. Tais bombas estão a ser feitas em quantidade e armazenadas para uso futuro. As nações estão mesmo agora e no próprio acto de preparar a sua própria destruição e o fim deve vir depressa.

Panorama brilhante

Para os descrentes em Jesus, as condições perante nós no dia de hoje e as perspectivas futuras são, na realidade, aterrorizadoras. Para tais não há esperança. Olham só para o abismo. As trevas da meia noite estão à sua volta. Só podem ver terrível

Leitura para Domingo, 8 de Dezembro de 1946

A Mensagem do Advento é inconcebível sem Jesus. Tudo quanto temos a fazer ou decidir, gira em torno da vida e da obra de Nosso Senhor. É Ele o centro tanto da nossa fé como da nossa vida.

Um dos aspectos mais salientes da vida terrena de Jesus foi a calma, a confiança com que o Divino Mestre encarava todas as circunstâncias no meio de uma vida tão preocupada e de um mundo tão hostil. Nunca o encontramos tomado da mais pequena hesitação, nem de pressas perturbadoras, quer em palavras, quer em acções. Todas as Suas palavras e acções tinham o cunho da autoridade e do direito, embora não se mostrasse nem fanático nem dogmático.

Jesus, como João Baptista, estava, sempre, consciente de uma certa crise vindoura, embora prêgasse e ensinasse com coragem e tremendo poder. Tomou grande ânimo para se encher de confiança inabalável e de coragem perante uma calamidade iminente e inevitável. Vários indivíduos têm, em primeiro lugar, uma profunda certeza dos princípios eternos, e, em segundo lugar, uma completa dedicação da vida em obediência, à verdade.

Durante as suas constantes viagens pela Palestina, durante os anos do Seu ministério público, sempre Jesus se deslocou com precisão e determinação, consciente de que Deus guiava cada um dos seus passos.

Nem muito cedo, nem muito tarde, nem jamais em dúvida — encontramos, sempre, Jesus supremamente confiante num grande objectivo da vida: «Eu vim... para fazer... a vontade d'Aquele que me criou» (João 6:38). Nada, nem pessoas, nem acontecimentos inesperados, o poderia demover da sua missão predeterminada na vida.

É claro que Jesus aprendeu, perfeitamente, a lição da divina guia. Por consequência, não teve que alterar, nem num ápice, os Seus planos, como, tantas vezes, acontece, mesmo nos grandes homens que manchem a sua vida com acções indignas.

«Jesus, na sua vida na terra, não fez planos para

Si próprio. Aceitou os planos de Deus a Seu respeito, e dia após dias, o Pai Celeste ia revelando os Seus planos. Do mesmo modo devemos nós depender de Deus, a ponto que as nossas vidas reflitam a Sua vontade» (*Ministério da Cura*, pág. 479). Necessitamos, neste movimento, de aprender, diariamente, esta lição da guia de Deus, como oposta aos nossos próprios planos e desejos.

Quando as nossas vidas assentam sobre a eterna verdade e a nada mais nos consagramos, podemos orar, todos os dias, com a confiança da resposta de Deus:

«Dirige, ó Senhor, em todo este dia,
Tudo o que eu fizer ou disser;
Que todas as minhas forças e valia
Para Ti se dirijam como melhor eu puder».

Thos. Ken.

A certeza central da Verdade

Uma das tragédias da humanidade, nos nossos tempos, consiste, em que o que é verdade para uns, ser falso para outros. Isto deve-se ao facto de os homens não haverem aceitado o modelo da verdade revelada. Foram, assim, arrastados para a descrença, que é uma das causas da incerteza e inquietação que agitam a alma humana. A descrença dista, apenas, um pequeno passo, do erro; ora estas duas atitudes mentais arrastam mais consequências funestas para o mundo do que a bomba atômica. Através da descrença e do erro, que são quase a mesma coisa no campo de inimigos da alma, o mundo apronta-se para o domínio universal por parte daqueles poderes relatados em Apocalipse 13:14.

A verdade começa e acaba com Deus. Só, assim, poderemos entender as palavras do Salvador: «Eu sou a verdade». A grande doutrina de Deus, com os seus impenetráveis mistérios da Trindade, está para lá das nossas explicações, mas há partes desta grande

destruição e esperam por ela num próximo futuro. Já se fala na terceira guerra mundial. Muitos profetizam que, quando ela vier, será o fim da raça. Nada mais podem ver para além. Mas os filhos de Deus têm uma visão mais brilhante. Vêm em todas estas terríveis condições, nestas profecias em cumprimento, a segura promessa da sua redenção completa e integral na segunda vinda do seu amado Salvador.

É verdade que a ruína dos maus é iminente, mas é também verdade que a libertação alegre e o triunfo da igreja de Cristo estão às portas. Os últimos acontecimentos serão rápidos. O fim virá mais depressa do que muitos de nós pensam. Está mesmo sobre nós.

A igreja expectante dos nossos dias estão ecoando, através das idades, as palavras de Jesus: «Vigiai, pois... porque o Filho do homem virá à hora em que não penseis» (S. Mat. 24:42,44).

E, ainda, outra vez: «Vigiai, pois, em todo o tempo, orando, para que sejais havidos por dignos de evitar todas estas coisas que hão-de aconte-

cer, e de estar em pé diante do Filho do homem» (S. Lucas 21:36).

Irmão e Irmã, estais vós vigiando e orando pelo regresso do Senhor? É a preparação para a Sua vinda o propósito absorvente da vossa vida? Estão cheios de alegria perante o facto de que Ele perdoou os vossos pecados e de estar escrito nos livros celestiais o vosso nome?

Estão já dentro do redil todos os vossos filhos? Estais seguros de que os membros da vossa família mais chegada estão prontos, à espera e em observação? Estais vós trabalhando com toda a energia para que outros se preparem?

Só desta maneira podemos estar salvos naquela hora terrível que precederá imediatamente a Sua vinda.

Se alguém aqui não pode fazer a devida preparação, fazemos um apelo para que hoje, sem mais delongas, se preparem. Colocam a sua alma em perigo se o não fizerem.

«Vem o fim, o fim vem, despertou-se contra ti; eis que vem» (Ez. 7:6).

A CONFIANÇA EM JESUS

por H. W. LOWE

ANTIGO DIRECTOR DA MISSÃO PORTUGUESA
SECRETÁRIO DA E. SABATINA DA C. GERAL

Jesus e o Sábado

Sempre que Jesus se servia das Sagradas Escrituras, sabemos, que «elas chegavam aos homens como uma nova revelação. Nunca, antes, tinham os seus ouvintes, percebido uma tal profundidade no significado da Palavra de Deus» (*Desejado das Nações*, pág. 253). Assim devia suceder, como, de resto, em tudo que Jesus tocava, porque «n'Ele estava a vida, e a vida era a luz dos homens» (João 1:4).

Quando Jesus viu que o Sábado que «fôra feito para o homem» estava convertido num dia intolerável de proibições públicas e privadas, — começou por mostrar que este santo Dia fôra abençoado e santificado para todos os homens, desde a criação. Tornou «deleitoso e santo dia do Senhor, o Sábado» (Is. 58:13).

Um Sábado passado com Jesus, o Senhor do Sábado, seria um dia inolvidável de inspiração, de bons serviços e de alegria. Assim deve ser para nós, porque, acerca desta preciosa verdade do Sábado, que é um memorial tanto da criação como da redenção e de que Deus diz «ser um sinal... Eu Sou o Senhor que os santifica» (Ezeq. 20:12), e, ainda, acerca da Lei dos Dez Mandamentos, na qual se encontra engastado — muitas controvérsias se têm levantado. «A última grande controvérsia entre a verdade e o erro é, afinal, a luta da longa controvérsia relativa à lei de Deus» (*Grande Controvérsia*, pág. 482). «O Sábado será a grande prova de lealdade» (*Id.*, pág. 605). As pessoas que têm experiência da salvação das almas com a verdade do Sábado do Senhor, e que compreendem os motivos da fúria de Satanás contra os que «guardam os mandamentos e a fé de Jesus» (Apoc. 14:12), não se renderão no dia do conflito final.

O dragão tem sempre lutado contra a igreja. No Egipto, quando Moisés se ergueu para chamar o povo à observância exacta do Sábado, o perseguidor Faraó fez tal opressão que «os oficiais dos filhos de Israel

doutrina que Deus deseja que transformem em certezas vivas na experiência individual do crente. O Filho de Deus pode ser conhecido como Redentor por todo o pecador. A redenção pessoal conseguida pelo Salvador é, para nós, uma experiência imperativa, e de balde se falará, acerca da «verdade», a não ser que conheçamos Aquele, que nos amou e se entregou à morte, por nós. Os judeus tiveram a verdade abstracta antes da Sua primeira vinda, mas não viveu, pela graça, nos seus corações. Jesus foi «cheio de graça e verdade» de modo que a doutrina abstracta se tornou uma concreta e vital realidade n'Ele, pela graça e pelo Espírito Santo.

Perder-nos-emos se esquecermos que, na criação como na conservação, assim como na mensagem do advento em toda a Escritura, — a pessoa central e o poder redentor é Jesus Cristo. A primeira visão da Irmã White, como em tudo que escreveu, tem o grande mérito de se haver centralizado em Cristo. Falando dos santos ainda em provação, diz: «Se mantiverem os olhos fixos em Jesus, que está, precisamente, diante deles, estão salvos» (*Early Writings*, pág. 14).

Ouvi, recentemente, certas queixas contra alguém que só prégava a profecia. As predições bíblicas, plenamente realizadas, são uma maravilha perpétua, mas é perigoso e infrutífero prégá-la a profecia, sem que os olhos estejam, continuamente, postos em Jesus. Sábiamente fomos nós advertidos: «As verdades da mensagem do terceiro anjo têm sido apresentadas por alguns, como uma teoria seca; esta mensagem deve apresentar Jesus Cristo, eternamente vivo» (*Test.*, vol. VI, pág. 20).

O nosso lema na apresentação da mensagem é claro, tal como o vemos no método do Mestre na estrada de Emaús: «E começando por Moisés, e por todos os profetas, explicava-lhes o que d'Ele se achava em todas as Escrituras» (Luc. 24:27). Quando compulsamos a Sagrada Escritura com os nossos olhos sempre em Jesus, abrasaremos os corações no amor do Divino Mestre.

se viram em aflição» (Ex. 5:19). Também hoje, em muitos países, o povo remanescente de Deus vive em aflição.

Há, agora, mais perturbações suscitadas pela observância do sábado, na nossa história, do que no passado. Ninguém sabe, exactamente, quantas pessoas estão nas prisões, actualmente, por causa da sua fé. Em muitos países, os pais são ameaçados com campos de concentração por não mandarem os filhos à escola, nos sábados; jovens de ambos os sexos encontram tremendas dificuldades para obter um emprego, se não fizerem os seus estudos e exames, em dia de Sábado; nalgumas terras os que guardam o Sábado não podem aceitar empregos. Ocasionalmente tais sacrifícios ao povo de Deus, procura o inimigo quebrar a sua lealdade e retardar a obra de Deus; mas, como em tantas outras coisas, o Senhor transforma os assaltos de Satanás em bênçãos preciosas. Diz Ele: «Congrega os meus santos diante de mim; os que fizeram um concerto comigo, com sacrifício» (Salmo 50:5). É verdade que se congrega o povo de Deus, e o concerto do sacrifício manter-se-á. Para o povo que segue o Salvador cumpridor do Sábado, «o vitupério de Cristo» tem «maiores riquezas do que os tesouros do Egípto» (Heb. 11:26).

O testemunho de Jesus

Somos nós um povo que vimos das verdades da Sagrada Escritura e é a lição do Evangelho que nos ensina, pela graça divina, a desejar ser obediente à verdade. Contudo, um feroz inimigo move guerra incessante ao povo de Deus remanescente e obediente, «que guarda os mandamentos... e tem o testemunho de Jesus» (Apoc. 12:17), que «é o Espírito de profecia» (Apoc. 19:10).

Através da Palavra, e da vida de Jesus, o Espírito Santo ilumina, reprova, fortalece e prediz.

Não devemos pensar do Espírito de profecia, apenas, como de um poder profético, mas, antes, como uma continuação de um grande plano pelo qual Deus tem sempre procurado guiar a Sua igreja «em toda a verdade» (João 16:13), pelo «espírito de verdade» (João 14:17). Nunca alcançaremos toda a verdade, pois a sua consecução começa, aqui, e prosseguirá por toda a eternidade. «Deus pretende que já nesta vida a verdade seja desvelada ao Seu povo» (*Testemunhos*, vol. V, pág. 703). Os escritos da Irmã White têm revelado mais assistência e guia do que o que, geralmente, o nosso povo conhece.

Como nunca, antes, podemos hoje afirmar o grande valor dos conselhos do Espírito de profecia. Olhamos para a nossa vasta literatura, trabalho este resultante das predições da Irmã White, que começaram a espalhar-se através de poucas centenas de folhetos; olhamos para o nosso trabalho de educação, pelo mundo fora, e lembramos que cresceu de um conjunto de visões concedidas a uma humilde senhora, que, apenas, viu uma escola adventista, naquele tempo; contemplamos o nosso trabalho sanitário representado em vários escalões, por esse mundo fora, e recordamos que os nossos Irmãos se viram obrigados a prosseguir, partindo como que do nada no campo meramente humano; hoje, o prègador do Advento encontra-se por toda a parte, mas, de novo, ouvimos aquela voz insistente, daqueles dias, quando os prègadores eram um punhado, espalhando a mensagem pelo mundo fora. Pensamos

em Provérbios 22:19-21: «Para que a tua confiança esteja no Senhor, a ti tas faço saber hoje; sim, a ti mesmo. Porventura não te escrevi excelentes coisas acerca de todo o conselho e conhecimento; para te fazer saber a certeza das palavras da verdade, para que possas responder palavras de verdade aos que te enviarem?»

Os anos em que estivemos separados de nossos pais foram duros, e sofremos o isolamento; mas as obras da Irmã White foram-nos de grande consolação, e, com a palavra de Deus, conservaram-nos no amor da verdade.

Numa manhã de Sábado, numa igreja de Londres, todos estavam fatigados, depois do pesadelo de uma noite de bombardeamento. Perguntei a duas Irmãs, já idosas, como viviam durante aquelas setenta noites de bombardeamento. «Ora, disse uma delas, enquanto eu leio a Bíblia a minha Irmã lê as obras da Irmã White; em seguida, entregamo-nos aos cuidados de Deus». Talvez, fé simples, mas bem corajosa e confiante, graças ao Espírito de Deus. Milhares de Irmãos, por toda a parte, encontram a mesma fortaleza e alegria, em Deus, através das obras da serva de Deus, cuja grande tarefa foi reerguer a igreja na fé de Jesus.

Pondo em primeiro lugar as últimas coisas

As palavras de Jesus foram, sempre, notáveis pela sua forte ênfase doutrinal, embelezadas pela Sua graciosa e «especialmente amável disposição» (*Desejado das Nações*, pág. 68). Nenhum movimento, sem um corpo fortemente marcado de doutrinas, jamais perdurou. É o que se verifica, e, em marcha ascendente, nos últimos acontecimentos da vida de Jesus Cristo. Perante o conselho, no palácio do sumo sacerdote, sabia Ele, por todos os sinais do Seu tempo, que defrontava um julgamento memorável. Depois de declarar a Sua divina filiação, referiu-se a duas profecias (Sal. 110:1 e Dan. 7:13) quando disse: «... Vereis, em breve, o Filho do homem assentado à direita do Poder e vindo sobre as nuvens do céu» (Mat. 26:64).

Tem-se dito e, com toda a propriedade, que o guia real no desenvolvimento do mundo é o segundo aparecimento de Jesus Cristo. O mundo está-se precipitando para o seu fim, e a igreja, na sua longa noite de expectativa, aguarda a prometida libertação no «aparecimento da glória do grande Deus e nosso Senhor Jesus Cristo» (Tito 2:13).

É este o tempo, como nunca, de apresentar o segundo advento, como a única solução de Deus para o problema do pecado. Numa grande parte do mundo, deixou a guerra um sentimento de desilusão e de cínica descrença, pelo que necessita a humanidade de uma nova e dinâmica esperança. Sempre, através da história, que a Igreja tem adoptado a verdade do Advento pré-milenário de Jesus, tem-se sentido alegre, zelosa e missionária. Durante os tremendos anos de guerra, nunca o nosso povo perdeu estas qualidades. Pode apontar-se como sentinela vigilante, por todo o mundo. Deve a igreja, tal como o Mestre, prègar toda a verdade com poder e coragem, como se o dia de Deus estivesse à vista.

Não estive na providência de Deus, que os homens que precederam a primeira vinda de Jesus, entendessem a profecia dos 2.300 dias, como nós, que conhecemos o nosso Salvador. Por ocasião em que os nossos pioneiros receberam luz sobre a grande

profecia, um pensador, o Dr. Maitland, que escreveu belas coisas sobre a grande profecia, surgiu na Inglaterra para destruir a fé no princípio do dia-ano da interpretação profética, e muitos, nos dois lados do Atlântico, o seguiram. É significativo notar-se que com tal rejeição, desapareceu o antigo e forte ensinamento do protestantismo na vinda do Senhor na glória pré-milenária, a identidade do anti-Cristo, etc. A ausência destes fortes ensinamentos doutrinários nos últimos acontecimentos na história, deixou as igrejas nominais privadas de poder.

Hoje, mais que nunca, podemos dar graças a Deus pelo tempo, lugar e maneira como chegou até o povo, a verdade sobre estas doutrinas do juízo, Segunda Vinda de Cristo, verdadeiro estado da alma, assim como a verdade do Sábado. São estas as doutrinas básicas que nos salvam do triplice erro do espiritismo e do culto do domingo, que, segundo o cap. 13 do Apocalipse e a *Grande Controvérsia*, cap. 56, deverão causar grande ruína na terra. Que grande caudal de luz no presente trabalho do nosso Pontífice-Salvador e na sua actuação para com os pecadores e justos não nos vem através do verdadeiro entendimento da purificação do santuário?! O harmonioso sistema da centralização em Cristo da verdade profética, proclamada por este povo, é uma vasta e inspirada melodia ecoando, calmamente, no meio de um mundo estridente e discordante.

Estamos caminhando para o fim e devemos estar todos prontos para o reino de Deus, devendo as doutrinas dos últimos acontecimentos ocupar o primeiro plano, na nossa vida.

«Depressa virá o Seu reino.
Far-se-á, então, a Sua santa vontade
Na terra, assim como no céu;
Quem a Jesus buscar
Santa paz há-de encontrar
E a salvação achar».

B. Rhodes

A confiança pessoal essencial

Entre nós, não deveria haver incertezas. Com o mundo, — como um conhecido romano disse, quarenta anos depois de Jesus Cristo ter vivido com tanta certeza: — «a única coisa certa é que nada é certo». Com a igreja, cada doutrina que nós encontramos nesta plena mensagem está edificada sobre um inabalável fundamento, pelo mesmo Deus, cujo conselho permanece, eternamente.

Não podemos, razoavelmente, esperar mais evidência; ainda, há poucos anos atrás, ouvi alguém perguntar a um idoso ministro que visitava uma certa cidade, que provas apresentava para o convencer. «Se não se convence — respondeu o ministro — com os acontecimentos que se estão desenrolando diante de nós, não tenho outras provas a apresentar-lhe». Podemos, contudo, fazer uma preparação mais pro-

funda. Um dos motivos do inimigo para manter as nações em lutas furiosas, é que «ele pode dirigir as mentes do povo para as afastar do Santo Dia de Deus» (*Grande Controvérsia*, pág. 589). Qualquer que seja o fardo que tenhamos de transportar, jamais devemos esquecer a nossa preparação pessoal para irmos ao encontro de Jesus. Devemos reforçar, cada vez mais, a nossa fé na verdade e no Salvador. «Sendo, pois, justificados pela fé, temos paz com Deus, por nosso Senhor Jesus Cristo» (Rom. 5:1). A paz e a fé juntam-se, harmoniosamente, tal como a verdade e a certeza, o amor e a obediência.

Necessitamos de garantir, a nós mesmos, a guia divina, a coragem, o poder, que encontramos em Jesus, e que devemos conhecer cada vez mais e melhor, pois conhecê-lo é a vida eterna.

Uma grande multidão reuniu-se, recentemente, para saudar um conhecido herói da guerra. Passava, de comboio, em certa estação. Quando o comboio parou, descem vários oficiais, sorrindo e saudando; grande perplexidade, porque ninguém conhecia o herói que queriam homenagear e parecia mal perguntar quem era ou saudar outro em seu lugar. Foi uma pequenita que salvou a situação; era a filhinha que correu para o pai, que era o herói; assim se identificou e pôde receber os cumprimentos de todos. Aquele herói para a multidão não era, senão, um notável acontecimento jornalístico; mas para a pequenita era mais qualquer coisa; era seu pai. Quando Jesus, «o autor e consumidor da nossa fé», começa a tornar-se nosso, podemos exclamar com o coração inflamado; «Bem-aventurada confiança! Jesus é meu», e poderemos exclamar no dia da Sua glória transcendente, com os remidos: «Este é o nosso Deus, a quem aguardávamos».

São estes os dias das resoluções finais. São, também, — como a serva do Senhor nos avisou — os dias em que Satanás procurará introduzir grandes divisões no mundo e, também, na igreja. É raro salientar-se que a lealdade é uma doutrina, mas todos podem ver que está intimamente ligada com a verdade. É possível, por exemplo, acreditar que podemos ser leais à verdade e a Jesus, e, ao mesmo tempo, sermos desleais uns aos outros? A lealdade certamente é indivisível, de modo que, quem for desleal aos seus amigos crentes, é desleal à verdade e a Deus. De facto, a deslealdade aos nossos amigos não aparecerá até que, primeiro, nos unamos a Deus e à verdade. Se quisermos reconquistar a certeza de Jesus e a Sua fé absoluta na direcção divina, então a verdade, o Redentor e a causa de Deus terão a nossa completa lealdade. A segurança da nossa fé e a unidade na fé seguem, de mãos dadas, na fé remanescente de Deus.

Não esqueçamos que, precedendo as mensagens dos três anjos, ocorre a mais gloriosa descrição jamais dada do povo de Deus: «É na sua boca não se achou engano: porque são irrepreensíveis diante do trono de Deus» (Apoc. 14:5).

Revista

SAÚDE E LAR

Entra no Ano VI da sua existência com milhares de assinantes no Continente, Ilhas e Colónias. Costumas ler esta Revista? Divulgá-la é fazer obra missionária.

Antes de subir o Calvário, prometeu Jesus aos Seus discípulos que depois de regressar a Seu Pai, enviar-lhes-ia o dom do Espírito Santo. Considerava Ele este dom de valor inestimável para os seus sequazes. Avaliou-o em maior preço para eles, do que a Sua própria presença corporal, na terra. «Con-vém-vos que eu vá; porque, se eu não for, o Conso-lador não virá a vós» (João 16:7).

«O Espírito Santo — assim fomos instruídos — foi o mais alto de todos os dons que Ele pôde soli-citar de Seu Pai, para a exaltação do Seu povo». «Esta bênção prometida, clamada pela fé, traz-nos, consigo, todas as outras bênçãos» (*Desejado das Nações*, págs. 671 e 672).

Missão e trabalho do Espírito

Nesta leitura de Semana de Oração não é nosso propósito entrar em discussão teológica sobre a natureza do Espírito Santo. Julgamos que será mais proveitoso considerarmos a missão e o trabalho deste dom abençoado.

«O Espírito Santo é o representante de Cristo» (*Desejado das Nações*, pág. 669). É Seu sucessor, aqui, na terra. É por Seu intermédio que Cristo se revela à humanidade, que Ele comunica com a alma humana. Através do Espírito Santo, concede-nos a graça, o poder e a bênção do céu. Falando do Espí-rito, disse Jesus: «Ele me glorificará, porque há-de receber do que é meu, e vo-lo há-de anunciar. Tudo quanto o Pai tem é meu; por isso vos disse, que há-de receber do que é meu e vo-lo há-de anunciar» (João 16:14,15).

Convence de pecado

Uma das primeiras coisas que o Espírito Santo nos faz, é a de nos convencer do pecado. «E quando Ele vier — declarou Jesus — convencerá o mundo do pecado» (João 16:8). A Bíblia diz-nos o que é o pe-cado, mas sem a ajuda do Espírito Santo nunca se-ríamos capazes de entender a sua terrível natureza, nem vermo-nos miseráveis pecadores sob o olhar omnisciente de Deus. É o espírito que ilumina a mente e leva a convicção ao coração do homem. É Ele que nos mostra a nossa última e desesperada condição; isto torna-nos receosos e trémulos diante do nosso juiz.

Leva ao arrependimento

Felizmente, para nós, não é este o único traba-lho do Espírito Santo a nosso favor. Não só Ele nos revela o nosso pecado e culpabilidade, mas também nos revela um poderoso Salvador. Quando desvia-mos do amor de Deus os nossos corações pecami-nosos, é o Espírito Santo que nos reconduz ao nosso Redentor e Amigo. Com ternura, o Espírito segreda-nos: «Vem!». É, assim, que a bondade de Deus nos leva ao arrependimento.

O que deixamos dito, aqui, relativamente ao tra-balho do Espírito Santo, convencendo-nos do pecado

e levando-nos ao arrependimento, aplica-se aos pe-cadores e às almas inconvertidas. Nem sempre isto é entendido, como devia ser. Muitas vezes, cristãos professos encontram-se perturbados pelo facto de, quando oram, lhes dar o Espírito Santo uma con-vicção de pecado, em vez de uma doce sensação de paz e alegria. Receiam que Deus não ouça e não responda às suas orações. O Espírito Santo foi en-viado. Está-os constringendo a ir à fonte para se limparem de toda a mancha. Está procurando levá-los a uma comunhão mais íntima com Deus. Se ou-irmos, agora, a voz do Espírito Santo segredando: «Vem!» — não resistamos à sua voz celestial. Como o filho pródigo, digamos: «Levantar-me-ei e irei ter com meu pai».

Guia na verdade

Outro trabalho do Espírito Santo é o de nos di-rigir na nossa busca da verdade. «Mas aquele Con-solador, o Espírito Santo, que o Pai enviará em meu nome, esse vos ensinará todas as coisas, e vos fará lembrar de tudo quanto vos tenho dito».

Sem auxílio, a mente humana nem sempre é capaz de distinguir entre o bem e o mal. Há, hoje, muitas doutrinas erróneas que têm a aparência de verdade. Deixados a nós mesmos, rapidamente nos desviamos do verdadeiro caminho. Mas, graças a Deus, que nos foi dado o Espírito Santo, para nos guiar no caminho da verdade e da rectidão. «Con-siste o seu trabalho em definir e manter a verdade... Através das Escrituras, o Espírito Santo fala à inte-ligência e grava a verdade no coração. Mostra, assim, o erro e expulsa-o da alma. É pelo Espírito de verdade, operando através da palavra de Deus, que Jesus Cristo submete a Si mesmo o Seu povo escolhido» (*Desejado das Nações*, pág. 671).

É, assim, que o caminho dos filhos de Deus, que desejam seguir, na luz do Senhor, vai brilhando, cada vez mais, até ao dia perfeito. Dia após dia, à medida que, humildemente, continuam a estudar o Livro Sagrado, o Espírito vai-os guiando: «na ver-dade».

Concede graça abundante

É, também, através do Espírito Santo que nós recebemos graça e força para vencer o enganador. Com as nossas próprias forças, nunca poderemos vencer na batalha contra as potências das trevas, mas como pela fé repousamos nas promessas de Deus, o Espírito Santo vem em nosso auxílio.

«É o Espírito que torna eficaz o que foi prepa-rado pelo Redentor do mundo. É pelo Espírito que o coração se purifica. Através do Espírito, torna-se o crente participante da natureza divina. Cristo deu o Seu Espírito como um poder divino para submeter-mos todas as más tendências hereditárias e adquiri-das, e imprimir o Seu próprio carácter na sua igreja» (*Id.*, pág. 671).

Agora, mais que nunca, necessitamos da ajuda do Espírito Santo para nos auxiliar no conflito contra

O DOM DO ESPÍRITO SANTO

por A. V. OLSON

VICE-PRESIDENTE DA C. GERAL

as potências do mal. Seis mil anos de pecado e enfermidade não só enfraqueceram o corpo humano mas também debilitaram as potências morais. Pela nossa própria experiência sabemos que estamos perdidos sem o auxílio divino. Necessitamos do Espírito Santo. É só através deste poderoso meio que o pecado pode «ser vencido e subjogado».

Traz conforto

Ainda outro trabalho do Espírito Santo é trazer conforto ao povo de Deus. É, assim, que por vezes é chamado «Consolador». Disse Jesus: «E eu rogarei o Pai e Ele vos dará outro Consolador, para que fique convosco para sempre; o Espírito de verdade, que o mundo não pode receber, porque não o vê nem conhece: mas vós o conheceis porque habita convosco, e estará em vós. Não vos deixarei órfãos; voltarei para vós» (João 14:16-18).

É através do Espírito Santo que temos a consoladora segurança que os nossos pecados são perdoados, e que somos aceitos como filhos e filhas na família celestial. «O mesmo Espírito testifica com o nosso espírito, que somos filhos de Deus» (Rom. 8:16).

Quando os nossos corações estão perturbados e as nossas almas lançadas em desespero, é o Espírito que segreda aos nossos ouvidos: «Paz; estai tranquilos». Precisamente, como a voz do Mestre apaziguou as ondas do mar embravecido, assim a voz do Espírito acalma as tempestades que tantas vezes devastam os nossos corações.

E, quando a morte nos arrebatou algum ente que nos é querido e os nossos corações estão repletos de tristeza, é através do Espírito que Jesus, nosso bendito Salvador, nos traz conforto e consolação. É ele que derrama bálsamo nos nossos corações doídos e nos enche de nova esperança e coragem.

Sim! Em todos os momentos de tristeza, seja qual for a causa, o Consolador está próximo e pronto a animar-nos. Mesmo quando passamos através do vale da sombra da morte, é através deste poder celestial que Deus vai conosco.

Dá-nos poder para trabalhar na causa de Deus

Também o Espírito Santo nos dá poder para trabalhar na causa de Deus. Confiou Jesus Cristo à Sua Igreja o encargo sagrado de espalhar o evangelho do reino em todo o mundo. Sobre a Sua Igreja remanescente pesa a tremenda responsabilidade de concluir a tarefa, que deverá realizar-se perante as mais furiosas oposições. Todas as agências do mal hão-de enfileirar contra nós. Aqui mesmo, na Europa, onde traçamos estas linhas, temos tido bastas ocasiões de entrever os métodos que serão empregados contra nós, quando nos esforçamos por fazer avançar a obra. Em mais de um país, dissolveram e confiscaram-nos as nossas igrejas e institutos, e tiraram-nos os nossos fundos. Obreiros e membros foram torturados e encarcerados. Muitos foram condenados a vários anos de prisão, e tantos outros

perderam a vida terrena, como mártires, preferindo a morte a abandonar a fé em Deus.

Hoje, temos um grande e florescente número de membros, por todo o mundo. Temos esplêndidas instituições, escolas, sanatórios e casas publicadoras. Temos, também, uma bela legião de obreiros evangelistas bem treinados, no campo. Mas, nada disto será suficiente para completar a obra, se não formos repletos, guiados e reforçados pelo Espírito Santo. «Não por força nem por violência, mas pelo meu Espírito, diz o Senhor dos Exércitos» (Zac. 4:6).

Necessitamos que o Espírito Santo encha os nossos corações de coragem e confiança para avançarmos com firmeza, mesmo contra o perigo e a morte. Necessitamos que o Espírito ilumine as nossas inteligências e que nos guie em todos os nossos planos e actividades. Os tempos, em que vivemos, exigem clareza de visão, prudência, coragem; só pela acção do Espírito Santo é que poderemos obter tudo isto.

Ainda mais: o Espírito Santo deve operar em nós e através de nós em todos os nossos esforços para ganharmos almas para Jesus Cristo. «A pregação da palavra não será de utilidade, sem a presença contínua e ajuda do Espírito Santo. É Ele o único mestre eficaz da verdade divina. Só quando a verdade é acompanhada pelo coração, é graças ao Espírito que então iluminará a consciência ou transformará a vida... A pregação da semente do Evangelho não terá êxito senão quando a semente é iluminada na vida, pelo orvalho do céu» (*Id.*, págs. 671, 672).

Antes dos Apóstolos entrarem no trabalho que Deus lhes destinara, receberam ordem de Jesus de permanecer em Jerusalém até que fossem baptizados com o Espírito Santo. Enquanto ali estiveram «todos perseveravam, unânimemente, em oração e súplica». Respondendo às suas mais ardentes petições, o Espírito Santo desceu sobre eles em medida abundante, e, assim, se pode realizar um trabalho maravilhoso. Não devemos nós, igualmente, durante esta Semana de Oração, procurar, unânimemente, a Deus e impetrar com maior fervor a unção do Seu Espírito Santo sobre nós, de modo a que o Seu trabalho depressa se possa concluir no mundo?

Através da Sua serva escolhida, disse-nos o Senhor que o Espírito Santo espera o nosso pedido e recepção. E, estamos certos, pela Bíblia, que Deus deseja mais dar-nos o Espírito Santo do que nós queremos dar prendas a nossos filhos. Por isso, em fé e unidade peçamos aquela chuva serôdia de tão benéficos efeitos. Oremos para que Deus baptize o Seu povo com poder para o Seu serviço. Ele está pronto a dar, quando estamos prontos a receber.

«O tempo não ocasionou alterações nas promessas de Jesus Cristo de mandar o Espírito Santo como Seu representante. Não é devido a nenhuma restrição da parte de Deus, que as riquezas da Sua graça não chovem, copiosamente, sobre os homens. Se o cumprimento da promessa não se vê, como se devia, é porque a promessa não é apreciada como o devia ser. Se quiséssemos, todos nós seríamos repletos do Espírito. Sempre que, para nós, a necessi-

dade do Espírito Santo é assunto de pouca monta, verifica-se uma segura espiritual, uma escuridão espiritual e a morte. Sempre que assuntos de somenos importância nos preocupam a atenção, o poder divino, que é necessário para o crescimento e prosperidade da igreja, o que lhes traria todas as outras bênçãos — diminui, embora oferecido em plenitude infinita.

«Visto ser este o meio pelo qual devemos receber o poder de agir, por que não nos sentiremos esfoameados e sequiosos por este dom do Espírito? Por que não falaremos d'Ele, não o impetremos e não prêgaremos? O Senhor deseja mais dar o Espírito Santo àqueles que O servem, do que os pais desejam dar prendas a seus filhos. Por cada baptismo

diário do Espírito, cada obreiro deveria oferecer a sua petição a Deus. Companhias de obreiros cristãos se deveriam reunir para pedir auxílio especial para impetrar auxílio especial a favor da sabedoria celestial de modo a poderem saber planejar e executar sãbiamente. Deveriam pedir especialmente que Deus baptizasse os seus embaixadores escolhidos nos campos missionários com uma rica medida do Seu Espírito. A presença do Espírito, com os obreiros de Deus, dará à proclamação da verdade um poder que nem toda a honra ou glória do mundo poderá dar» (*Actos dos Apóstolos*, págs. 50, 51).

Necessitamos, sempre, do poder de Deus, pois, por nós próprios não somos suficientes para o trabalho para o qual fomos chamados. Não temos habi-

Leitura para Terça-feira, 10 de Dezembro de 1946

O PREÇO PA

Ao considerarmos o assunto mais vibrante que a inteligência humana pode contemplar — o preço pago pela nossa redenção — é necessário começar por uma análise cuidadosa da medonha natureza do pecado. A perícia de um grande médico ou cirurgião é muito mais apreciada por aqueles que compreendem a natureza perigosa ou fatal da doença que conseguiram curar. Qualquer médico que conseguisse vencer todos os casos de cancro ou de doenças cardíacas, seria, decerto, imediatamente, reputado o maior médico do mundo, porque todos reconhecem a perigosa natureza destas doenças.

Do mesmo modo, a nossa concepção sobre o custo e valor da nossa redenção depende do nosso conhecimento e compreensão da natureza do pecado. O nosso apreço pelo nosso Redentor e o nosso amor por Ele será medida pela profundidade do conhecimento que tivermos dessa enfermidade espantosa e medonha, para a qual o único remédio foi o sangue de Jesus.

A natureza do pecado

«Porque todos pecaram e destituídos estão da glória de Deus» (Rom. 3:23). Criou Deus Adão e Eva à Sua própria imagem e semelhança. «Quando Adão saiu das mãos de Deus, ostentava ele na sua natureza física, mental e espiritual, uma semelhança do seu Criador» (*Educação*, pág. 15). Se nunca tivesse pecado, teria continuado a reflectir, cada vez mais, assim como seus filhos, uma natureza sem pecado. Mas a desobediência à divina lei corrompeu, de tal modo, a natureza do homem que, depressa, «toda a imaginação dos pensamentos do seu coração era só má, continuamente» (Gén. 6:5). Os descendentes herdaram esta natureza decaída e corrupta, de mente carnal, que «é inimizade contra Deus, pois não é sujeita à lei de Deus, nem, em verdade, o pode ser» (Rom. 8:7). Deus dissera: «... no dia em que dela comeres, certamente, morrerás» (Gén. 2:17), e naquele dia de desobediência, Adão endossou, sobre si, a morte espiritual; e os seus descendentes nasceram sob o signo da morte espiritual, pois Adão não lhes poderia transmitir senão o que ele próprio tinha.

Sempre que consideramos a humanidade, podemos ver como essa tremenda enfermidade, que é o

pecado, produz sofrimento e dor, e toda a espécie de devastação física e moral. Jamais um ser humano cometeu, neste mundo, qualquer pecado que lhe tenha causado bênção ou benefício, ou verdadeira alegria e felicidade. Como é triste que seres inteligentes, dotados de razão e vontade, continuem a trilhar tal caminho que só lhes causa ansiedades, miséria e morte!

Provavelmente, uma das principais razões é que o pecado é enganador, uma vez que as Escrituras nos advertem contra o engano do pecado.

O pecado é a transgressão da lei, e é tão universal que é fácil considerarem-se leves, alguns pecados. Todos nós nos abstemos, com horror, de alguns crimes repelentes, mas olhamos, naturalmente, com indiferença para certos actos triviais que consideramos insignificantes para que Deus se preocupe com eles.

O pecado estabelece a diferença entre o céu e o inferno. É no céu que Deus está, porque, ali, tudo é obediente à Sua lei de amor. Haveria, aqui, também, na terra, o céu, se todos fôssemos, igualmente, obedientes. Que bom seria se, pela graça de Deus, tivéssemos tal obediência, que implantaria o céu, já, aqui, na terra. Já visitastes, alguma vez, os hospitais, as maternidades, e vistes recém-nascidos cegos, deformes, monstros? Já vistes os velhos e decrepitos marchando para a sepultura, sem amigos, sem dinheiro, sem nenhuma esperança? Já vistes tantos homens e tantas mulheres retidos em leitos de dores, dores que sofrerão enquanto arrastarem as suas dolorosas vidas? E que dizer de tantos manicómios e prisões a abarrotar de miseráveis, homens, mulheres, crianças? Qual é a causa de todas estas desgraças, destas medonhas e tremendas calamidades? A resposta: é o PECADO. Nenhuma criança nasceria cega se não fora o pecado. Não haveria necessidade de hospitais, nem de asilos, nem de prisões; tudo isto foi causado pelo pecado.

Há tempos, um meu amigo, que estivera empregado durante vários anos numa prisão, mostrou-me aquele sombrio edifício, onde se alinhavam as celas dos presos condenados por toda a vida, condenados à morte e a outras penas. Quando chegámos ao pesado portão da saída, e apertámos as mãos para a despedida, disse-me aquele meu amigo: «Ó, Irmão

lidade natural nem conhecimentos humanos adquiridos que possam tornar possível o trabalho que incumbe a este povo. Não temos dinheiro nem influência bastantes entre os homens e as nações para realizarmos a nossa tarefa. Só pelo poder do Espírito Santo poderemos albergar a esperança de concluir o trabalho e ir para a Pátria celestial para a glória. Nada pode ocupar o lugar desta nossa grande necessidade. Jesus Cristo sabia que, apenas, através do Espírito Santo se poderia realizar a obra e Ele prometeu uma abundante chuva de graças pelo Espírito Santo.

«Como o Irmão Primogénito da nossa raça, conhece Ele as necessidades dos que, circundados da enfermidade num mundo de pecado e de tenta-

ção, ainda desejamos servi-Lo: Sabe que os mensageiros que Ele vê preparados para seguir, são fracos e inconstantes; mas a todos que se consagram ao Seu serviço, promete o auxílio divino. O Seu próprio exemplo é uma garantia de que a súplica ardente e perseverante a Deus conduz a uma completa dependência de Deus e a uma consagração sem reservas ao Seu trabalho, que pela fé poderá levar os homens, com a ajuda do Espírito Santo, a combater contra o pecado» (*Actos dos Apóstolos*, pág. 56).

Nas sagradas páginas lemos de Barnabé que «era homem de bem e cheio do Espírito Santo e de fé» (Act. 11:24).

Queira Deus que tal declaração pudesse ser aplicada a cada um dos nossos nomes!

GO PELA NOSSA REDENÇÃO

por MEADE MAC GUIRE

Mac Guire, se os nossos jovens pudessem ver o que eu tenho visto, deixariam, de vez, o pecado». Como é estranho e esquisito que seres inteligentes amem o pecado, vivam no pecado e troquem por ele, a mesma vida eterna!

Tendo considerado, assim, por um momento, a natureza e consequências do pecado, assim como o facto de nunca um pecado ter trazido a mais pequena bênção, mas segundo a palavra de Deus acarreta a morte — como poderemos nós compreender que seres inteligentes continuem, durante anos e séculos, na mesma senda da transgressão? A resposta é que não o podem evitar. Efectivamente, o homem não tem o poder de se defender a si mesmo do pecado. Quando consideramos, seriamente, este facto, quão deprimente se nos apresenta a nossa condição! E quando pensamos a sério nestas realidades, não temos palavras para exprimir a nossa gratidão para com Deus, cujo amor infinito e sacrifício nos proporcionou o remédio.

O castigo do pecado

«Porque o salário do pecado é a morte». O governo moral do vasto universo de Deus é baseado nos princípios de justiça, santidade e amor, sendo a lei de Deus uma expressão destes princípios. Por isso, qualquer criatura que transgride esta lei está em rebelião contra o governo do universo. O castigo desta transgressão é a morte eterna. Se o castigo pela desobediência e rebelião não fosse infligido, a lei não teria valor, e o governo não teria razão de existir.

É, então, evidente, que a pena de morte pelo pecado, como Deus anunciou no Éden, antes da queda, não pode ser nunca revogada, pois: «sem efusão de sangue não há remissão». A queda de Adão e Eva pela tentação de Satanás, ocasionou-lhes a sentença da morte eterna; foi, então, que Deus veio para revelar o plano do infinito amor pelo qual podem, agora, escapar a essa morte eterna e ser restaurados à semelhança de Deus. Só a divina sabedoria e o amor poderiam conceber um tal plano e realizá-lo.

O pecado corrompeu de tal maneira a natureza humana, que o homem nada pode fazer para se sal-

var, nem mesmo pode deixar de pecar. A lei pedia a morte do pecador. O Filho de Deus propôs-se tomar o lugar do pecador, sofrer a pena do pecado, sofrer todo o castigo pela transgressão da lei. Se o pecador se arrepende, aceitando Jesus como seu Redentor e sujeitando-se, completamente, a Ele, todos os seus pecados lhe serão perdoados, e a natureza divina restaurada nele, de modo que poderá viver em obediência à lei de Deus.

«Restaurar no homem a imagem do seu Autor, trazê-lo de novo à perfeição em que fora criado, promover o desenvolvimento do corpo, espírito e alma para que se possa realizar o propósito divina da sua criação — tal deveria ser a obra da redenção. Este é o objectivo da educação, o grande objectivo da vida» (*Educação*, págs. 15, 16).

O amor de Deus pelos pecadores

Com o nosso limitado conhecimento humano, poderemos compreender, apenas, um pouco das maravilhas da redenção, a não ser que tenhamos maior conhecimento de Deus. Não basta conhecer alguma coisa de Deus. «E a vida eterna é esta: que te conheçam, a ti, só, por único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, e a quem enviaste» (João 17:3). Conhecer a Deus é vida, mas primeiro de tudo é amor. «Amados, amemo-nos uns aos outros; porque, a caridade é de Deus; e qualquer que ama é nascido de Deus e conhece a Deus. Aquele que não ama, não conhece a Deus; porque Deus é caridade» (1 João 4:7,8). O mais que nós podemos compreender é o grande e profundo amor de Deus para com os pecadores, que levou Nosso Divino Salvador a dar a Sua vida para nos salvar. Todos nós conhecemos estas preciosas palavras: «Porque Deus amou o mundo de tal maneira, que deu o Seu Filho Unigénito, para que, todo aquele que n'Ele crê não pereça, mas tenha a vida eterna» (João 3:16). Mas o «mundo» é um termo tão geral, que não sentiremos a natureza pessoal do Seu amor. A expressão «todo aquele que» significa «qualquer pessoa», por isso, trata-se de cada indivíduo pessoal por quem Deus deu o Seu Filho, e «toda a pessoa» que n'Ele crer, no verdadeiro sentido, terá a vida eterna.

Quão maravilhosa é a garantia do Seu amor

através das Escrituras. «Há muito que o Senhor me apareceu, dizendo: Pois que com amor eterno te amei, também com amorável benignidade te atraí» (Jes. 31:3). Digamos a nós mesmos, quão maravilhosamente Deus *me* amou com amor eterno. «Como também nos elegeram n'Ele, antes da fundação do mundo, para que fôssemos santos e irrepreensíveis diante d'Ele em caridade» (Ef. 1:4). Deus conhece o fim desde o princípio, e Ele já te conhecia a ti e a mim, antes da criação, e escolheu-nos n'Ele, e então escreveu os nossos nomes no Seu livro, no céu (Ap. 17:8). Foi este maravilhoso amor, que é a natureza própria de Deus, que resultou no plano da redenção, abrindo as portas do paraíso contra os que estiveram em pecado, «não tendo esperança e sem Deus no mundo» (Ef. 2:12).

A lei de Deus pronunciou a sentença de morte sobre o pecador. Deus não poderia revogar ou mudar a lei, porque é a expressão da Sua própria natureza e carácter. Mas, ó maravilha de amor! Deus determinou tomar o teu lugar e o meu, e, como nosso substituto, sofre o castigo da lei, de modo a sermos salvos da morte eterna.

O sacrifício de expiação

«Porque também Cristo padeceu uma vez pelos pecados, o justo pelos injustos para levar-nos a Deus» (1 Ped. 3:18). «Mas vindo a plenitude dos tempos Deus enviou Seu Filho, nascido de mulher, nascido sob a lei, para remir os que estavam debaixo da lei, a fim de recebermos a adopção de filhos» (Gál. 4:4,5). Foi-lhe necessário abandonar a sua elevada posição junto de Seu Pai, toda a glória do céu, e baixar a esta miserável terra, para tomar lugar entre os que escolhera para remir. Obedeceu à lei divina e cumpriu tudo o que Deus quer na nossa humanidade, para mostrar que tal vida é possível a todo aquele que o quiser aceitar. Cercado, por toda a parte, de cegueira, de egoísmo e de crueldade, viveu Jesus uma vida pura e santa.

Sobre os seus ensinamentos fundaram-se verdades preciosas e vitais, podendo nós aprender as mais maravilhosas lições na contemplação do Seu adorável ministério para com os pobres, os aflitos e os pecadores. Mas acima de tudo, necessitamos de meditar na experiência do Getsémani e do Calvário, onde, através de sacrifícios e sofrimentos incalculáveis, se pagou o resgate completo da nossa redenção.

Empreguemos alguns momentos na contemplação daquele grande acontecimento que marca o encontro das duas eternidades.

Com os Seus discípulos subiu ao silencioso monte e, deixando-os a pequena distância, prostrou-se por terra, «oferecendo com grande clamor e lágrimas, orações e súplicas ao que o podia livrar da morte, foi ouvido quanto ao que temia» (Heb. 5:7). Os discípulos, que deviam estar orando por Ele e por eles próprios, dormiam. E, a grande prova, ainda estava para vir.

Vem, então, o clarão dos archotes, e eis que aparece o traidor «e com ele uma grande multidão com espadas e varapaus» (Marc. 14:43). Prenderam-no e, com maus tratos, arrastaram-no para o palácio do sumo sacerdote. Compareceu perante o Sinédrio e dali foi conduzido ao tribunal de Pilatos, o governador romano, e dali ao palácio de Herodes. É brutalmente tratado pelos soldados de Herodes e reconduzido a Pilatos. Seguem-se as cenas da falsa

acusação e os uivos da plebe ingrata reclamando a Sua morte. «Era desprezado e o mais indigno entre os homens; homem de dores e experimentado nos trabalhos» (Is. 53:3). Foi escarnecido, condenado, supliciado, e aquelas longas horas de dores desesperadas, nas quais se comprimiram as eternidades, alcançaram o máximo, quando foi conduzido ao Calvário.

Ninguém, como Ele, teve uma tal vida de sofrimento. Nenhum outro carácter, como o de Jesus, viveu na terra. Ninguém passou por tais humilhações, nem tão falsas acusações e torturas com tanta calma, tanta fortaleza de ânimo, paciência e silêncio. «Ele foi oprimido, mas não abriu a sua boca, como um cordeiro foi levado ao matadouro e, como a ovelha muda perante os seus tosquiadores, ele não abriu a sua boca» (Is. 53:7). «O qual, quando o injuriavam, não injuriava, e quando padecia, não ameaçava» (1 S. Ped. 2:23).

E quando o trespassavam, e o suspendiam entre o céu e a terra, orava pelos seus algozes: «Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem» (Luc. 23:34).

Eram cerca das nove horas, e, durante três longas horas a multidão agitou-se em volta da cruz, por entre os escárnios da soldadesca brutal e as mofas dos sacerdotes, dos escribas e dos anciãos que diziam: «Salvou os outros, e a si mesmo não pode salvar-se. Se é o Rei de Israel, desça, agora, da cruz, e creemos nele. Confiou em Deus; livre-o, agora, se o ama; porque disse: Sou Filho de Deus. E o mesmo lhe lançaram, também, em rosto os salteadores que com Ele estavam crucificados» (Mat. 27:42-44).

Dos milhares daqueles que Ele havia abençoado e curado e arrancado às garras da tristeza e do sofrimento, não houve nem um só que lhe dirigisse uma palavra de encorajamento naquela tenebrosa hora.

E eis que sobre a cruz e o Calvário começam a cair densas trevas, uma trágica escuridão a envolver o universo, porque o seu Criador estava morrendo em substituição dos pecadores. Era uma escuridão que simbolizava aquela indiscriminável experiência que escaldou os lábios do Salvador naquele grito agonizante: «Meu Deus, Meu Deus, porque me abandonaste»? O salário do pecado é a morte, e agora, o Ser impecável, que jamais violara um único preceito da divina lei, estava a morrer, porque «fizera-se pecado por nós». Ia entrar naquela escuridão da separação de Deus, onde nenhuma outra alma humana fora.

Foi indizível a cruel tortura da cruz conjugada com o sofrimento moral resultante quer da sanha feroz dos Seus inimigos, quer do abandono dos Seus amigos. Mas não há palavras que possam descrever nem mesmo se poderá conceber o horror daquele fardo dos teus e dos meus pecados, dos pecados do mundo inteiro, que estavam esmagando Jesus, sepultando-O, mais e mais naquela medonha escuridão, que Ele tanto reudara, pois era o abandono de Deus. E Ele entrava neste abandono por ti e por mim, porque nos amara com amor eterno.

Como poderá alguém contemplar esta cena e ver qualquer atractivo no pecado? Como poderá alguém amar o pecado, ou sequer tolerá-lo, e hesitar renunciar a ele, quando verifica como pesou sobre a alma do Salvador e esmagou o Seu coração? Peçamos a Deus que vivifique as nossas faculdades espirituais, de modo que não sejamos enganados por este cruel e mortífero veneno.

Quanto O amamos nós?

Disse-nos Deus que este sacrifício infinito fora realizado porque nos amara com amor eterno. «Nisto está a caridade, não em que nós tenhamos amado a Deus, mas em que Ele nos amou a nós e enviou Seu Filho para propiciação pelos nossos pecados» (1 João 4:10). «Nós O amamos a Ele, porque Ele nos amou primeiro» (1 João 4:19). Se o conhecimento do Seu amor e sacrifício por nós, não encontra resposta nos nossos corações, nada mais há que Deus pudesse fazer por nós. Tudo o que a infinita sabedoria, poder e insondável amor pôde fazer pelos pecadores, se fez na cruz. Se isto não despertar nos nossos corações a aversão pelo pecado, e uma fome e sede de justiça, não há esperança para nós, porque, na cruz, Deus atingiu os limites dos seus recursos para nos salvar.

Agora, a pergunta que deveria ecoar nos nossos corações, é: Que posso eu fazer, para mostrar o meu amor por Deus e o meu apreço pelo seu infinito amor por mim? Da resposta correcta a esta pergunta depende a conclusão mais ou menos rápida da obra de Deus, e da volta de Jesus. Uma coisa é pensar na crucifixão como um acontecimento histórico realizado há cerca de dois mil anos, e outra coisa é compreender que é uma revelação do carácter de Deus — que o pecado ofende a Deus, e que todas as vezes que eu peço, ofendo o meu Salvador e contristeço o Seu coração.

«Os que pensam no resultado de apressar o Evangelho, ou impedi-lo, pensam isto, em relação a si mesmos e ao mundo. Poucos o pensam em relação a Deus. Poucos tomam em consideração o sofrimento que o pecado causou ao nosso Criador. Todo o céu sofreu com a agonia de Cristo; mas esse sofrimento não começou nem terminou com a Sua manifestação na humanidade. A cruz é uma revelação, aos nossos sentidos embotados, da dor que o pecado, desde o seu início, acarretou ao coração de Deus» (*Educação*, pág. 265).

Cada dia que se posterga a vinda de Jesus, vai Deus sofrendo. Contemplando o vasto universo, tudo está em paz, em amor e felicidade. Mas neste pobre planeta reina a rebelião. Crescem, cada vez

mais, o pecado, o sofrimento, o crime e a crueldade diabólica, pelo que continua a dor no coração de Deus. O Calvário é uma «revelação aos nossos sentidos embotados, da dor que o pecado, desde o seu início, acarretou ao coração de Deus». Deseja Deus pôr fim ao pecado, e criar um novo céu e uma nova terra onde habite a justiça.

Não olharemos nós para o rosto amável do nosso Salvador e não lhe diremos: «Mestre, que posso eu fazer para pôr fim ao Teu sofrimento? Já sofreste muito pelo Teu grande amor por mim; desejo, agora, mostrar o meu amor, fazendo tudo o que está ao meu alcance para fazer findar esse sofrimento».

Disse-nos Ele que é possível apressar ou retardar a vinda de nosso Senhor. Também nos disse que a Sua vinda foi retardada. Evidentemente, é, agora, o momento de pôr de parte todo o nosso egoísmo, o amor pelo mundo, pelos seus prazeres e loucuras. É tempo de estreitar a amizade com Jesus, de modo a iniciarmos essa doce experiência, que continuaremos, quando Ele vier — «... estes são os que seguem o Cordeiro, para onde quer que vai» (Apoc. 14:4).

Naquela movimentada parábola da ceia, diz-nos Jesus como o Senhor mandou o seu servo, por três vezes, a chamar os que tinham sido convidados para a ceia. O último convite foi, deveras, assustador. «E disse o Senhor ao servo: sai pelos caminhos e valados, e força-os a entrar, para que a minha casa se encha» (Luc. 14:23).

Estamos, agora, vivendo no tempo deste terceiro e último consorte, porque chegou o tempo de se ouvir a grande voz da Mensagem do Terceiro Anjo, retumbando por todo o mundo.

Tu e eu confessamos ser servos do Mestre Divino e, se realmente O amamos, não podemos ficar indiferentes a esta ordem positiva: «sai pelos caminhos e valados e força-os a entrar».

Quando procurarmos o Senhor até que os nossos corações se encham com o Seu amor e com o poder do Espírito Santo, teremos bons resultados em ganhar almas, e esta empresa será imensamente superior a tudo quanto este mundo nos puder oferecer.

CONCLUI NO PRÓXIMO NÚMERO ESTA SEMANA DE ORAÇÃO

O medo da verdade

«A verdade atrai a luz; convida a proceder a investigações e provoca o exame. O erro, pelo contrário, receia os factos, evita a discussão, teme o confronto. Esta maneira de evasivas é estranha ao espírito da mensagem; tal maneira procura a protecção do silêncio e da obscuridade...»

A hesitação, que se manifesta perante a necessidade de esclarecer uma discussão com as cartas na mesa, revela, geralmente, a necessidade de esconder qualquer coisa. Uma discussão séria, pelo contrário, fortalece os espíritos indecisos e tranquiliza os tímidos. Tudo o que disser respeito ao bem-estar da Igreja e à revelação da verdade deve ser examinado sob todos os pontos de vista». — *E. White*.

Bons conselhos

Se estais impacientes, contemplai Job.

Se estais um pouco obstinados, conversai com Moisés.

Se sentis faltar a coragem, olhai, bem de frente, o profeta Elias.

Se estais tristes, entoai um cântico de David.

Se estais contemporizadores, lede Daniel lançado na fossa dos leões.

Se vos tornais sórdidos, ide visitar Isaías.

Se vos faltar a fé, lede S. Paulo.

Se a preguiça vos prende, analisai S. Tiago.

Se perdeis de vista o fim que vos espera, subi pela escada do Apocalipse e contemplai a Nova Terra.

Para os prègadores

CHAMO a atenção dos nossos prègadores para três pensamentos do apóstolo Paulo, referentes ao ministério cristão, contidos no capítulo 4 da segunda epístola aos Coríntios.

I — A posição do prègador em relação a Jesus Cristo e à comunidade cristã

«Porque não nos prègamos a nós mesmos, mas a Cristo Jesus, o Senhor» (II Cor. 5, primeira parte).

Esta expressão define, claramente, a posição do prègador em relação a Jesus Cristo. Dando a Jesus o título mais elevado que se possa dar a alguém, o de *Senhor*, Paulo proclama a soberania absoluta do seu Mestre. Apagar-se e esconder-se atrás da pessoa adorável do Salvador, tal é o papel do ministro do Evangelho «e nós mesmos somos vossos servos por amor de Jesus» (Ibid., última parte).

Resgatado por bom preço, o cristão não deve tornar-se jamais escravo de um homem, ou de um grupo de homens. Contudo, imitando Aquele que se considerava entre os seus discípulos «como o que serve», Paulo, escravo de Jesus Cristo, põe-se ao serviço de seus irmãos. Nenhum espírito de domínio, nenhuma intenção de explorar para seu proveito a confiança do rebanho. Uma única preocupação: exercer um ministério proveitoso em benefício da comunidade cristã.

II — Só a Deus toda a glória

«Temos, porém, este tesouro em vasos de barro, para que a excelência do poder seja de Deus, e não de nós» (Ibid., versículo 7).

O ministério cristão é um ministério glorioso. Mas a glória deste ministério reverte, exclusivamente, n'Aquele que distribui, segundo o seu beneplácito, os talentos naturais e os dons espirituais e que faz frutificar o trabalho de cada um.

Para evitar que a glória devida a Deus, seja atribuída ao instrumento humano, está o tesouro divino confiado a vasos de barro. E quando o vaso humano corre o risco de se ensoberbecer, Deus envia-lhe um dos espíritos, de que Paulo se queixava, e do qual suplicou, em vão, que fosse libertado.

III — Plenitude de vida graças a uma incessante mortificação

«E assim nós, que vivemos, estamos sempre entregues à morte, por amor de Jesus, para que a vida de Jesus se manifeste também em a nossa carne mortal. De maneira que em nós opera a morte, mas em vós a vida» (Ibid., v. 11-12).

Não esqueçamos que o Salvador que nós servimos, se é um Salvador ressuscitado e glorificado, é também um Salvador crucificado. Far-nos-á participar um dia, da Sua ressurreição e da Sua glória; enquanto esperamos, concedê-nos a graça de comunicar com Ele nos seus sofrimentos e de sermos a Ele conformes, na Sua morte (Filip. 3:10).

A vida de Jesus não se manifesta, em nós, cristãos, senão na medida em que nos identificamos com Ele, na Sua morte, em que consentimos em ser crucificados com Ele.

Além disso — e é aqui que aparece a imensa responsabilidade ligada ao exercício do ministério cristão — a vida de Jesus não produz, plenamente, o seu efeito, no seio da comunidade, senão na proporção da imolação voluntário e da mortificação livremente aceita, do prègador.

Alfred Vaucher

DEPARTAMENTO DA COLPORTAGEM

Campanha de Verão

RELATÓRIO DE VENDAS

Emília Noivo e Amália Branco	12.313\$00
Helena Máximo e Emília Teixeira	7.151\$00
Maria José e Susete Montês	4.162\$00
Júlia Sancho e Augusta Nunes	3.988\$00
Maria Luísa e Augusta Nunes	3.016\$00
Fernando Garcia Mendes	2.700\$00
Carlos Rosa Mateus	2.250\$00
António Baião	2.220\$00
Maria José e Júlia Sancho	2.181\$00
Samuel José	1.890\$00
Margarida e Otilia Santos	1.600\$00
João Joaquim Camacho	1.590\$00
Lídia Mendes e Florência Baptista	1.536\$00
António Marques Teixeira	1.860\$00
José Augusto da Silva Júnior	1.410\$00
Idalina Ferreira	1.408\$00
Maria Luísa Saboga	1.408\$00
Leontina Gouveia e Susete Montês	1.374\$00
João Mendonça	1.350\$00
Humberto Camacho	1.350\$00
Lídia Mendes e Augusto Vasco	1.331\$00
Juvenal Gomes	1.250\$00
Augusta Reis Vasco	1.213\$00
Missão Açoriana	1.093\$00
Francisco Castela	950\$00
Anfeldo Madaleno Lucindo	710\$00
Eduardo Pinto da Silva	600\$00
Helena Rodrigues e Florência Baptista	468\$00
Leontina Gouveia e Júlia Sancho	436\$00
Manuel Carlos Figueiredo	420\$00
Joaquim Saldanha	330\$00
José Mesquita	330\$00
Total	64.848\$00

O Secretário

SAMUEL REIS

Conferência Portuguesa

Notícias do Porto

O Irmão Viegas participou-nos que os nossos Irmãos da Igreja do Porto e grupos dos arredores tinham alcançado 10.000 escudos na Campanha das Missões. Precisamos congratular-nos com eles pois se nos afigura ter sido um ano «record» para a Igreja do Porto. Por um pouco mais chegariam a alcançar tanto como a Igreja de Lisboa. Possa este feito repetir-se por muitos anos.

As obras de adaptação do novo edifício do Porto estão apenas à espera de aprovação camarária.

Na mesma carta, o Irmão Viegas dá-nos a grata nova de mais 14 baptismos no Porto, 9 dos quais na histórico lugar da Ponte da Pedra, onde têm sido baptizados quase todos os Irmãos do Porto. É de registar este bom número de baptismos.

Mudanças de Obreiros

O Irmão Simões, que há já alguns anos estava trabalhando em Setúbal e Barreiro, vai trocar serviço com o Irmão Pires que tem trabalhado em Niza o mesmo número de anos, mais ou menos.

Acreditamos que será para proveito da Obra nas duas localidades. É hábito adventista de mudar os Obreiros, de tempos a tempos, porque, como todos têm de admitir, cada pessoa tem as suas qualidades e as Igrejas só têm a lucrar na aplicação das mesmas.

De Tomar

Escreve o Irmão Cordas a participar que, por autêntico milagre, alcançaram o alvo das Missões. Passamos-lhe a palavra:

«Acreditais em milagres? Eu acredito porque esse dom foi prometido à Igreja (1 Cor. 12:10,28,29). A transformação do Espírito Santo no coração do homem é um dos maiores milagres. A Campanha das Missões estava atrasada este ano em Tomar. Tínhamos território e só nos faltavam braços e bom tempo. Fizemos no sábado, 12 do corrente, um apelo. Deus tocou o coração de alguns Irmãos. A saída recebi de um anónimo, na algibeira do meu casaco, um envelope com 500\$00. De quem viriam? De uma alma tocada pelo Espírito Santo? Creio que sim. Depois apareceram mais 100\$00, mais 50\$00, etc., etc. Nesta altura o alvo deve estar alcançado. Ainda assim dois grupos de Irmãos quiseram sair para o trabalho».

Irmãos Mansell

Vindos dos Estados Unidos a caminho de Moçambique, caso não surja impedimento grave, tem estado no nosso meio o casal Mansell. As Congregações da Metrópole têm tido o prazer de os receber e de ouvir e ver aspectos da nossa Conferência Geral e da Obra na América. O jornal do Porto,

O Primeiro de Janeiro, fez um brilhante artigo sobre a nossa Obra que no próximo número transcrevemos na íntegra. O Movimento Adventista, nesse dia, foi conhecido por muitos milhares de portugueses; a maior parte dos quais ouviram falar dele pela primeira vez.

Congregação de Portalegre

Com as obras de adaptação recentes, verificamos que temos lugares para umas 200 pessoas sentadas, o que formará um bom auditório em Portalegre. Fazemos votos para que não leve muitos anos a encher de bons Irmãos em Cristo.

Estão feitos planos para a evangelização intensiva dos arredores de Portalegre, durante este ano lectivo, com os Irmãos Professores do Seminário e respectivos alunos. Queira Deus ajudar-nos a realizar esses planos pois é ocasião única. Não temos a certeza absoluta que o Seminário fique em Portalegre e precisamos aproveitar esta oportunidade maravilhosa.

Notícias da Colportagem

Tivemos, durante estes três últimos meses de férias, o nosso esforço de Colportagem. -- Pois só neste período do ano é que podemos contar com o concurso dos nossos Seminaristas.

Estiveram em actividade durante este tempo trinta Colportores e Colportoras. Todos mostraram o melhor espírito. Fizeram o melhor que souberam e puderam.

As nossas Irmãs foram umas valentes heroínas. Com a *Saúde e Lar* não há quem lhes leve a palma. Estão de parabéns, mormente, as que trabalharam na cidade do Porto.

Quanto à colocação do livro, foi um pouco mais custoso. Contudo, e graças a Deus, ainda se venderam algumas centenas de livros.

Tivemos muita pena que o concurso do nosso Irmão Fernando Mendes viesse tão tarde e, para maior contrariedade, passados oito dias de estar no Campo adoecesse com as sezões. Mas não deixou, nesse curto espaço de tempo, de vender a pronto pagamento 2.700\$00. Foi um bom trabalho e um «record» difícil de igualar.

Vendeu-se durante estes três meses de férias 65.000\$00 (sessenta e cinco contos), o que podemos classificar de um belo trabalho. (Não esquecer o trabalho das Missões feito ao mesmo tempo, o que prejudica a colportagem).

Servindo-me deste cantinho da *Revista Adventista*, aproveito o ensejo para agradecer aos nossos Irmãos Colportores e Alunos o esforço que fizeram conosco para atingir estas cifras.

Deus vos abençoe nos vossos trabalhos e estudos.

A Bem da Causa do Mestre

Sumuel Reis

A CABA de ser feita, em Jesuralem, uma preciosa descoberta arqueológica, que não pode deixar de interessar, no mais alto grau, toda a família cristã.

Trata-se de uma inscrição aramaica encontrada num túmulo judaico, no arrabalde de Talpioth, em Jerusalém. O prof. Eleazar Lipa Sukenik, director das Antiguidades Judaicas, na Palestina, que tem a seu cargo a valiosa inscrição, manifestou a opinião de que deve ter sido escrita pouco depois da morte de Jesus, no Calvário.

É, portanto, a mais antiga das inscrições cristãs.

«O autor da inscrição não datou o texto — diz o prof. Sukenik numa entrevista concedida ao *France-Soir*. Como o teria podido fazer? Mas o próprio texto desta lamentação, o seu conteúdo, o seu estilo, a sua forma, levam-me a crer, que foi redigido sob a dolorosa impressão da pena causada pelo horrível espectáculo da crucifixão. O autor era, sem dúvida, um dos discípulos de Jesus. Um daqueles que o conheciam, intimamente. Devia ter acabado de descer do Gólgota, quando traçou aquelas linhas comoventes. Escondido, porventura, numa gruta situada, então, nos jardins, longe da cidade, ali chorava a morte do Mestre».

A inscrição ainda não foi divulgada, na íntegra; está, cuidadosamente, guardada na Universidade hebraica, como um tesouro. A Universidade já recebeu centenas de ofertas de todo o mundo, pela fotografia e tradução do prof. Sukenik.

Interrogado sobre se a inscrição falava na ressurreição do Senhor, o prof. Sukenik disse: «Antes de mais, convém recordar, que certos sábios negaram, inclusivamente, a existência de Cristo. Afirmavam que toda a narração da sua vida, tal como a possuímos, não passava de um mito. Ora, o documento encontrado, é uma prova de que tais sábios se enganaram. Cristo viveu, não há dúvida alguma, mas, quanto à sua ressurreição!». . . Decorrem alguns segundos, antes que o prof. Sukenik volte a falar.

«Eu sou judeu — prossegue. Este assunto é bastante delicado. Posso, contudo, dizer, que a inscrição foi feita num dos dias que se seguiram à morte de Jesus. Quem sabe? Talvez até no próprio dia! O discípulo que a escreveu, conhecia os pormenores

da morte do seu Mestre. Podia, contudo, ainda ignorar a ressurreição. Mesmo que a tivesse conhecido, poderemos nós supor, que só Tomé é que devia ser o único incrédulo entre todos os discípulos»? . . .

A inscrição, como se disse, foi encontrada no arrabalde de Talpioth, quando operários árabes escavavam os alicerces de uma vila e encontraram a entrada de um túmulo talhado na rocha. O mobiliário e as inscrições revelaram, imediatamente, que se tratava de uma família judia do primeiro século. A emoção dos arqueólogos atingiu o máximo, quando os textos revelaram que aquela família fazia parte do grupo dos primeiros cristãos.

O túmulo compõe-se de vários compartimentos sombrios e húmidos. Ainda ali se vêem os restos de onze esqueletos. As inscrições, os vasos funerários, as lâmpadas e o mobiliário, foi tudo retirado, com os maiores cuidados, depois de os objectos haverem sido fotografados nos seus lugares. Só ficaram as ossadas.

Aqueles onze crânios, hoje vazios, albergaram outros tantos cérebros, que pensaram nas palavras divinas do Mestre, ouvidas, directamente, dos seus lábios. Aquelas órbitas emoluraram olhos que viram Jesus Cristo e que, porventura, o contemplaram, pela última vez, agonizando no Calvário. Aque-

las ossadas pertenceram a judeus que conheceram Jesus, que o choraram e, que, de certo, se regozijariam quando contemplaram o Senhor, rei da vida, triunfante da morte pela sua ressurreição!

Graças a Deus, que vai sempre permitindo que os seus filhos encontrem as armas necessárias para responder aos ataques dos incrédulos e dos pseudo-sábios.

É certo, que possuímos o argumento máximo para a nossa fé, nas Sagradas Escrituras; por elas sabemos que o Senhor Jesus, já há tantos e tantos anos preanunciado pelos Profetas, nasceu, viveu, sofreu, morreu e ressuscitou.

Mas Deus, na sua Providência infinita, suscita, ainda, estes outros argumentos para que, no grande dia, realmente, «eles fiquem inexcusáveis» (Rom. 1:20).

Assim Deus responde aos orgulhosos sábios: «Apelas para a ciência? Pois aí tens, a ciência compendiada na arqueologia!».

Um testemunho directo sobre a crucifixão de Jesus

REVISTA ADVENTISTA

Órgão exclusivamente religioso e de informação da
União Portuguesa das Igrejas Adventistas do Sétimo Dia

PUBLICAÇÃO BIMESTRAL

Cont. e lhas Colónias

Número avulso .	1\$50	2\$00
Assinatura anual	7\$50	10\$00

Redacção e Administração :
Rua Joaquim Bonifácio, 17

Composição e impressão :
Tip. Gomes & Rodrigues
32, Rua das Picoas, 34—LISBOA

DIRECTOR: A. DIAS GOMES /// REDACTOR: ERNESTO FERREIRA /// EDITOR: A. F. RAPOSO